

São Paulo, domingo, 03 de julho de 2011

FOLHA DE S.PAULO **saúde**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

DEPOIMENTO MARIA, 65

Peguei o vírus em 1988 após uma transfusão de sangue

Peguei o HIV em 1988, numa transfusão de sangue. Mas só descobri no ano 2000, quando fiquei muito debilitada. Entrei em depressão quando soube e só chorava. Não era isso que eu queria para minha vida, não imaginava que isso poderia acontecer com quase 50 anos.

Comecei a frequentar a ONG Pela Vidda. Aí que fui me sentir melhor, vi que esse já não era mais o problema mais sério da minha vida e comecei a me sentir melhor.

Mas ainda tenho medo de que alguém me olhe e diga que não sou igual; existe preconceito. Viver com Aids tem suas suas dificuldades. Você se acha forte e no fundo aquilo incomoda. Mas dá pra viver, e eu vivo bem.

Na minha família, graças a Deus, não tive rejeição. Fui muito acolhida pelos meus filhos e netos. Eles dizem que não sou a primeira nem vou ser a última a pegar o vírus. As pessoas acham que com o coquetel não tem mais risco. Mas ele não cura, só traz mais qualidade de vida.

Por isso as pessoas não podem se descuidar. A pessoa mais idosa tem costume diferente. Os homens acham que, com camisinha, não vão funcionar mais! E as mulheres aceitam não usar.

Os idosos acham que é doença de jovem ou de quem se prostitui, mas todo mundo hoje é grupo de risco.

Para a pessoa de idade, descobrir que tem Aids é triste e vergonhoso. No começo foi assim comigo. A gente pensa como os outros vão olhar pra gente.

Texto Anterior: [O problema em números](#)

Próximo Texto: [Depoimento - Rosa, 77: Digo para terem cuidado com o vírus, mas não conto que tenho](#)

[Índice](#) | [Comunicar Erros](#)